

## **O Lugar e a sua Percepção nas práticas de Educação Ambiental em áreas protegidas.**

Juliana Pereira de Souza<sup>1</sup> & Douglas de Souza Pimentel<sup>2</sup>

Um dos desafios da sociedade contemporânea é a conservação dos recursos naturais. A crise ambiental é o espelho da sociedade e de seu modelo pragmático de desenvolvimento econômico. O conhecimento parcial e tendencioso sobre o meio-ambiente é uma das principais causas de sua degradação. Diante disto somos levados a repensar o próprio curso da história, cuja trajetória dicotomizou a relação da sociedade/natureza, culminando uma crise na sustentabilidade do ambiente. Emerge neste contexto, a urgência de uma sensibilização da sociedade diante da problemática ambiental, na qual a Educação Ambiental (EA) poderá trazer importantes contribuições, principalmente em áreas protegidas, que podem catalisar essa nova visão sobre o meio ambiente.

Diante da emergência de conscientizar a sociedade sobre a problemática ambiental, proliferaram-se então, práticas de EA em vários espaços. Aparentemente, esta popularização da EA poderia ser algo positivo. Entretanto, a maneira em que a EA é exercida acaba por limitar o seu poder de transformação. Neste contexto, surge a necessidade de se fazer a presente reflexão, na tentativa de apontar as causas do exercício equivocado da EA e possíveis caminhos para a sua renovação. Por conseguinte, colocam-se as seguintes questões: de que forma a EA poderia levar uma reflexão efetiva da problemática ambiental? A abordagem humanística por trabalhar sujeitos e objetos como entes indissociáveis, teria possibilidade de superar as práticas que reproduzem essa dicotomia ?

O objetivo deste trabalho está centrado em responder estas questões. Apontando o enfoque humanístico e a relevância do conceito de lugar como elementos chaves para uma renovação nas práticas da Educação Ambiental e conseqüentemente promover o significado social dos ecossistemas para além das áreas protegidas.

O trabalho consistiu em uma revisão bibliográfica de grandes expoentes da corrente humanística no campo internacional como Yi Fu - Tuan, Anne Butimer enquanto no plano

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de geografia da FFP/UERJ

<sup>2</sup> Professor assistente da FFP/UERJ

nacional autores como Werther Holzer e Milton Santos. Além disto, a revisão inclui periódicos internacionais especializados no tema.

O conceito de lugar na perspectiva de autores como Tuan (1983, p. ), é definido como " *um centro de significados construído pela experiência*". Santos (1997, p. ) corrobora com este sentido ao afirmar *que o "lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta através de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições-cooperação e conflito são a base da vida em comum"*.

Dois autores de correntes diferentes, o primeiro, da corrente humanística e o segundo de dimensão materialista-dialética, apresentam um ponto em comum no que se refere ao conceito de lugar, que para ambos, é produto da experiência humana. Tal intersecção entre os autores é explicada pela oposição em comum das correntes anteriores à ciência positivista, que por adotar a plena racionalidade, separa sujeitos e objetos. Nessa perspectiva, a relação entre sociedade e natureza acaba dicotomizada. A razão que justifica a corrente humanística enquanto eixo orientador desta investigação se dá pelo fato dessa tratar de maneira indissociável a relação sociedade/natureza, neste caso, indivíduo e ambiente, pois é a simbiose destes elementos que materializará o sentido de lugar, cujo processo é mediado pela percepção do indivíduo.

O conceito de lugar torna-se então, um rico elemento para uma renovação das práticas de Educação Ambiental. Realizadas comumente em escolas, empresas, comunidades ou em áreas protegidas, as práticas de EA, na maioria das vezes, são desprovidas de uma reflexão maior sobre as complexas interações que levam a degradação ambiental. A proliferação de seu exercício está associada ao consenso de que a sociedade deve mudar posturas frente ao ambiente, no entanto, configura-se mais como um modismo do que a uma preocupação real, pois o cerne da problemática ambiental geralmente não é atingido.

Tal situação pode ser explicada pelos seguintes elementos: primeiramente o seu caráter imediatista; cria-se a necessidade de práticas de EA por todos os espaços diante da urgência de se conservar os recursos naturais, desconsiderando que para uma educação efetiva, que leve a transformação do indivíduo, o tempo é um fator preponderante, pois entre a educação e a transformação está o processo. Outro elemento a ser destacado está na escala adotada na EA, peca-se pela adoção das escalas amplas ou restritas demais.

A EA torna-se um instrumento de propaganda superficial e o problema da degradação ambiental parece ficar sempre distante do indivíduo, não levando-o a uma sensibilização. Por fim, destaca-se a maneira que a relação sociedade/natureza é abordada, pois a natureza é algo reificado e externo ao homem, daí a sua condição de passividade diante ao controle do homem sobre os espaços naturais. Assim, ao justificar-se a necessidade de "educar" a sociedade com o fim de conservar o que restou de natureza, o seu significado social é reduzido a uma ética utilitarista. Conhecê-la para manipulá-la e não compreendê-la em sua totalidade. Ao transpor o debate para as áreas protegidas, a situação não é diferente.

As práticas de EA realizadas neste espaço acabam por ser simples ferramentas de gestão das áreas. O espaço, embora tenha grande potencial para sensibilizar o indivíduo, acaba por reforçar a idéia de duas naturezas, a que deve ser protegida e a que pode ser manipulada e transformada. Desta forma, inexistente o significado social da EA e da própria área protegida, cuja delimitação territorial, estabelecida por políticas públicas não lhe garantem real existência. Desta forma, se o objetivo da EA é tornar o indivíduo sensível à questão ambiental, partir de uma relação cartesiana de sujeito e objeto, só o afasta, pois como torná-lo sensível a algo que não tem significado individual. Assim, o conceito de lugar é totalmente relevante na EA, pois explorando a percepção do indivíduo, poderá chegar próximo a uma transformação efetiva do ser. A escala adotada passa a ser a do indivíduo. Por meio do seu real percebido, fica mais fácil sensibilizá-lo, pois torna visíveis, os elementos da degradação ambiental que antes estavam tão distantes de sua vivência.

As Políticas Públicas, ao tratarem a questão ambiental, principalmente na demarcação de áreas protegidas são influenciadas por um forte institucionalismo e legalismo, que embora necessários, desconsideram as percepções do indivíduo, e as comunidades da qual fazem parte, sobre o ambiente uma vez que há forte dificuldade destes projetos de intervenção em identificar as relações históricas presentes no espaço. Assim os projetos institucionais devem incorporar as percepções individuais, identificando as relações históricas presente no espaço, para dar um significado social à questão ambiental e à própria política pública, tornando-a menos autoritária e mais humana. No caso da delimitação das áreas protegidas, o processo de implementação geralmente desrespeita as relações sociais presentes naquele espaço e esse também devem incorporar essa visão.

A Educação Ambiental deve ser encarada como um processo de transformação dos indivíduos, de forma a construir uma sociedade com práticas ambientalmente sustentáveis. As áreas protegidas têm importância fundamental na conservação da natureza. Entretanto a racionalidade institucional que permeia as práticas de EA nestes espaços não possibilita a exploração de seu potencial de transformação. Diante disto, as políticas públicas para delimitação de áreas protegidas, poderiam ser mais eficazes ao conjugar a objetividade da gestão destas áreas com a subjetividade dos indivíduos, trabalhando a problemática ambiental pela ótica do lugar, este caráter simbólico e afetivo será catalisado na formação de uma visão holística do que vem a ser o ambiente, que agora não é mais externo ao indivíduo e sim parte de sua existência.

#### **REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS**

BUTTNER, A. 1985. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: PERSPECTIVAS DA GEOGRAFIA. Antônio Christofolletti (org.). São Paulo, Difel, p. 165-193.

HOLZER, W. 1993. A Geografia Humanista anglo-saxônica – de suas origens aos anos 90. *R. Bras. Geog.*, 55 (1/4): 109-146

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

TUAN, Yi-Fu. 1983. Espaço e Lugar. São Paulo. Difel. 250p.